

Entre versos e vidas: oficina de poesia como espaço de construção social e literária

Rosiana Silva da Silva* 
Rosângela Araújo Darwich 

Universidade da Amazônia (UNAMA) – Brasil

*Autor de correspondência: rosianadasilva54@gmail.com

RESUMO

Este estudo investigou de que forma uma oficina de poesia pode atuar como instrumento formativo e de construção social junto a adolescentes em contexto escolar. A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na pesquisa-ação, foi realizada com 38 jovens participantes de oficinas literárias desenvolvidas em parceria com o Lar Fabiano, em Belém do Pará. A coleta de dados envolveu observação participante, produção textual e rodas de conversa, posteriormente analisadas por meio da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que a poesia, quando vivenciada de modo dialógico e sensível, favorece a expressão subjetiva, possibilita a elaboração simbólica de vivências e promove autonomia criativa. Emergiram três categorias centrais: identidade e autopercepção, resistência e crítica social, e resiliência. Os poemas produzidos revelaram conflitos internos, questionamentos sociais, experiências de discriminação e estratégias de superação, mostrando a poesia como linguagem de resistência e fortalecimento comunitário. A oficina também estimulou a integração entre diferentes formas de expressão, como desenho e texto, ampliando repertórios criativos e fortalecendo vínculos entre os participantes. Conclui-se que a oficina de poesia configurou-se como um espaço transformador, capaz de promover formação crítica, sensibilidade estética e fortalecimento emocional. Os achados reforçam a importância de ampliar práticas literárias em contextos escolares e comunitários, reconhecendo a poesia como ferramenta de emancipação simbólica e de desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE:

Oficina de criação
Adolescentes
Resiliência
Poesia
Grupos vivenciais

SUBMETIDO: 19 de novembro de 2025 | **ACEITO:** 17 de dezembro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025

© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

“Com sua linguagem cifrada, ritmada e ligeira, o poema canta a vida e convida quem dele desfruta, com atenção e sensibilidade, a recriar o sentido da vida”

(Ramalho, 2014, p.334). Percebe-se a relevância dos poemas, compreendendo-os como um meio privilegiado de expressão e de reconstrução simbólica da realidade. Enquanto seres humanos, estamos constantemente em busca de formas de comunicar sentimentos, vivências e inquietações. A linguagem poética pode ser usada para materializar, por meio das palavras, aquilo que muitas vezes não se revela a olho nu. Assim, a poesia se configura não apenas como manifestação estética, mas também como instrumento de reflexão, socialização e construção coletiva de sentidos.

O ser humano possui uma necessidade inata pela ficção: da infância à velhice, tem o desejo de produzir sentidos por meio da construção de novas realidades, que ganham concretude por meio do símbolo. Essas realidades imaginadas, acessadas pela linguagem e pela sensibilidade, tornam-se, portanto, concretas em si mesmas, formando o que se pode chamar de realidades paralelas. A literatura é arte e, como tal, não deve se subordinar à concepção utilitarista do “bom” e do “belo”, uma vez que esses conceitos, muitas vezes construídos e impostos por grupos socialmente dominantes, tendem a marginalizar expressões que não se enquadram em seus protótipos de beleza ou utilidade (Candido, 1999).

É a partir desse cenário que a poesia tem, gradualmente, sofrido ameaças enquanto forma literária singular. Embora se constitua como uma expressão artística de grande valor, sua produção e compreensão demandam empenho de quem a produz e de quem a lê. Assim, em uma sociedade globalizada, orientada pela pressa, pela praticidade e pela utilidade imediata, a poesia passa a ser vista como algo inútil, sendo afastada do cotidiano das pessoas (Cruz; Oliveira, 2023). Isso ocorre porque, conforme observa Ramalho (2014, p.336), “a poesia requer sensibilidade para captar imagens, efeitos metafóricos e representações simbólicas”, aspectos que, no ritmo acelerado do mundo contemporâneo, têm sido esvaziados de sua importância social e vistos como algo sem relevância.

No contexto brasileiro, persiste de forma marcante o analfabetismo funcional (Matos; Souza; Alves, 2021), fenômeno de raízes históricas ligado tanto à desvalorização da literatura no ambiente escolar quanto ao caráter crítico intrínseco à produção literária, em especial à poesia. Por constituir um espaço de

reflexão, contestação e elaboração simbólica da realidade, o poema ultrapassa a dimensão estética e assume um potencial transformador que, quando negligenciado, compromete o pleno desenvolvimento humano e social.

De acordo com Darwich *et al.* (2020), a formação de leitores pode ser compreendida como um processo que ultrapassa a dimensão técnica da leitura e consegue alcançar relações sociais e afetivas. O prazer de ler, quando construído em ambientes não coercitivos torna-se um reforçador natural que estimula a autonomia do ato de ler. Assim formar leitores significa criar condições para que o contato com a literatura seja uma vivência de liberdade, descoberta e prazer, capaz de desenvolver não apenas competências cognitivas, mas também a sensibilidade, a empatia e o pensamento crítico.

Fiorin (2009) observa que a literatura, e nesse contexto a poesia, não apenas reúne saberes sobre o mundo, mas também trabalha com saberes sobre a própria linguagem, encenando-a, explorando suas variações, mudanças e rupturas. Por esse movimento, a poesia se torna um espaço de resistência, capaz de acolher vozes diversas e expressões que escapam aos discursos hegemônicos. Ao assumir diferentes campos de conhecimento de forma flexível, ela produz saberes possíveis e ainda não realizados, criando novas maneiras de pensar e existir mesmo em uma sociedade em constante movimento e com dependência crônica do conceito de utilidade. Aproximar os jovens de poemas, portanto, não significa apenas oferecer um contato estético, mas possibilitar que desenvolvam uma consciência crítica sobre a sociedade e reconheçam a linguagem como instrumento de transformação e emancipação.

No entanto, os poemas, na maioria das escolas, não chegam efetivamente aos estudantes. Apesar de todo o potencial transformador da poesia e do papel da escola enquanto mediadora do contato dos jovens com ela, sua presença no ambiente escolar é insuficiente. Quando é abordada, muitas vezes isso ocorre de maneira fragmentada, excessivamente técnica ou descontextualizada, o que acaba afastando os alunos de sua dimensão estética, crítica e subjetiva. Em vez de despertar interesse, tal abordagem tende a reduzir o poema a um objeto de análise mecânica, tirando o seu sentido e limitando o desenvolvimento do seu potencial formativo (Ramalho, 2014).

Cruz e Oliveira (2023) ressaltam que, no ambiente escolar, os poemas

ingressam de maneira marginal, figurando como um elemento secundário no estudo da literatura e, na maioria das vezes, apresentados de modo superficial, restrito a esquemas formais ou estruturas a serem decoradas. Essa abordagem, marcada por perguntas e respostas padronizadas, esvazia o potencial reflexivo da poesia e transforma sua recepção em um exercício predominantemente reprodutivo, distanciando-a de sua função crítica e formativa.

Por seu turno, o conceito de adolescência nasce de um processo histórico marcado pela resistência (Ferreira; Farias; Silves, 2010). De acordo com Gregorin Filho (2012), durante grande parte da história da humanidade essa fase permanece nebulosa, sem uma definição clara. Apenas no século XX, com a ocorrência de uma série de transformações sociais e culturais, o termo passou a ser compreendido como um período distinto, sendo considerado que o adolescente ocupa um lugar ambíguo: possui autonomia crescente e algumas responsabilidades, mas ainda não é plenamente adulto e conserva traços de criança.

Tal condição intermediária, somada às demandas por afirmação de identidade, faz com que a adolescência seja vivida como um espaço de tensão e contestação às normas impostas pelos adultos (Ferreira; Farias; Silves, 2010). A globalização intensificou esse movimento ao aproximar experiências de adolescentes em diferentes contextos culturais, criando padrões de consumo e de vivências semelhantes. Dessa forma, a adolescência, além de se tornar mais visível, consolidou-se também como um período de resistência simbólica e prática às expectativas sociais sobre o que significa ser adulto (Andrade, 2023). Nesse cenário, a poesia revela-se não apenas como forma de construção de conhecimento, mas também como linguagem de resistência e liberdade, capaz de dar voz às inquietações juvenis e de se integrar ao cotidiano dos adolescentes como instrumento de expressão crítica e emancipatória.

Diante desse conjunto de fatores – a marginalização da poesia na escola, seu potencial formativo e emancipatório, e as demandas simbólicas da adolescência – torna-se necessário investigar caminhos que favoreçam um encontro significativo entre jovens e poesia. Assim, este estudo tem como objetivo compreender como a poesia, em uma oficina vivencial, pode atuar como instrumento de construção social e formativa junto a adolescentes em contexto escolar.

Metodologia

Tipo de estudo

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, fundamentada na perspectiva da pesquisa-ação (Thiollent, 2007) e desenvolvida enquanto desdobramento da pesquisa guarda-chuva “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência (Darwich, 2022).

Contexto e participantes

A pesquisa foi desenvolvida em ambiente escolar, no âmbito de oficinas realizadas em parceria com o Lar Fabiano, Casa de José, que apresentou a proposta de criação de poemas voltados ao tema “Jovens que conectam com a amizade, voz e ação social, promovem transformação”, tendo em vista a participação em um congresso nacional do próprio grupo.

O critério de inclusão dos participantes foi a disponibilidade para integrar os encontros e o interesse em vivenciar práticas de leitura, escrita e socialização de textos poéticos.

Participaram do estudo 38 adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos, estudantes de escolas públicas do bairro do Guamá, em Belém, Pará, inseridos em atividades pedagógicas e culturais. Destes, 18 eram do gênero feminino e 20, do masculino.

Instrumentos e técnicas

A coleta de dados ocorreu ao longo dos encontros da oficina, por meio de três estratégias principais: observação participante (a pesquisadora acompanhou e registrou as interações, falas espontâneas e expressões dos participantes, mantendo diário de campo); produção textual (foram coletados os poemas e textos criativos elaborados durante as atividades propostas); e rodas de conversa (momentos de diálogo em grupo possibilitaram o compartilhamento de percepções sobre a experiência, funcionando como material complementar de análise).

Procedimento

As oficinas foram desenvolvidas ao longo de três encontros semanais, cada um com foco específico. No primeiro dia, os participantes realizaram a leitura individual

de poemas do livro *Levasse as coisas na flauta* (Darwich, 1988), que foi doado aos adolescentes. A partir dessa leitura inicial, foram propostos exercícios de escrita criativa, que resultaram na produção de poemas inspirados tanto nos textos lidos quanto nas vivências pessoais dos jovens, compartilhadas em roda de conversa.

No segundo dia, os participantes produziram poemas livres, sem suporte prévio de leitura, permitindo maior autonomia expressiva e experimentação estética, evidenciadas também nas trocas realizadas em nova roda de conversa.

No terceiro dia, realizou-se uma roda de leitura e partilha dos poemas criados nos dias anteriores, seguida de diálogo reflexivo sobre os conteúdos abordados, as escolhas estéticas e os sentidos atribuídos às produções literárias. Ao final, os materiais foram registrados e sistematizados para análise.

Análise dos dados

O material coletado (diários de campo, produções textuais e falas registradas) foi analisado a partir da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2011), o que permitiu identificar as seguintes categorias de análise: identidade e autopercepção, resistência e crítica social, e resiliência.

Resultados e discussão

Três diferentes formas de expressão foram oferecidas aos participantes, que poderiam optar entre uma ou mais. Assim sendo, houve a produção de 22 poemas, 17 textos livres e 17 desenhos.

Alguns participantes escreveram vivências significativas por meio de textos e, após serem expostos à poesia e receberem maior esclarecimento sobre sua estrutura, passaram a se arriscar na produção de poemas, ainda que partindo da ideia simplificada de que seria suficiente cortar o texto em versos. Leal (2015) aponta que o poema e a poesia chegam de forma marginalizada à realidade dos adolescentes, fazendo com que eles tenham pouco conhecimento tanto acerca do que é um poema quanto sobre como lê-lo e produzi-lo. Neste estudo, após serem introduzidos a princípios básicos, os participantes começaram a olhar a poesia de outra forma e a se aventurar nesse universo.

Quanto aos desenhos, muitos dos poemas produzidos pelos participantes vinham acompanhados de ilustrações. Isso pode ter dois significados: o primeiro é

o caso de quem partiu do desenho para construir a ideia do poema, e o segundo é o de quem, inspirado pelo poema, produziu novas formas de arte. A arte contemporânea nos mostra que a criação vai além do belo e do objeto: trata-se de uma filosofia que mistura diferentes expressões artísticas e produz novos significados (Bourriaud, 2009). Dessa forma, o desenho surge como complemento da poesia, evidenciando a materialização das imagens que os poemas despertam na mente dos adolescentes.

A análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2011), foi aplicada ao *corpus* composto por diários de campo, registros das rodas de conversa e poemas elaborados pelos adolescentes durante a oficina de poesia. O processo investigativo seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação, possibilitando a emergência de três categorias centrais: identidade e autopercepção, resistência e crítica social, e resiliência.

A primeira categoria, identidade e autopercepção, revelou-se de maneira marcante nos textos produzidos. Os adolescentes utilizaram a escrita poética para explorar sentimentos, conflitos familiares, memórias pessoais e expectativas em relação ao futuro. Essa dimensão evidencia a oficina como espaço de expressão subjetiva e de elaboração simbólica, no qual a literatura se converte em mediadora entre vivências individuais e processos de construção identitária, a exemplo do poema *Segredo*.

Me vejo perdida entre as estrelas
onde não foi nem chão, nem teto.

A lua gira em sua dança
ao redor da terra em segredo.

O silêncio da imensa escuridão
ecoa alto, e as estrelas se apagam
como fogos de artifícios.

Esse poema evidencia o caráter introspectivo característico da categoria identidade e autopercepção. As imagens de deslocamento, escuridão e silêncio constroem uma metáfora sobre a busca por lugar e pertencimento, temática central na vivência adolescente. Elementos cósmicos, como estrelas, lua e imensidão, reforçam a sensação de entremeio, simbolizando um sujeito que tenta compreender sua posição no mundo. Assim, *Segredo* ilustra como os jovens

utilizaram a poesia para traduzir estados internos de ambivalência e para elaborar sentimentos associados à construção de si.

Na segunda categoria, resistência e crítica social, observou-se o caráter contestatário presente em muitas produções. Os poemas trouxeram à tona reflexões sobre desigualdades sociais, violências cotidianas e imposições normativas dos adultos, confirmando o papel da adolescência como período de tensão e resistência simbólica (Ferreira; Farias; Silvaes, 2010). A poesia, nesse contexto, mostrou-se um recurso privilegiado de denúncia e conscientização, permitindo que os participantes transformassem suas inquietações em discurso crítico e criativo, a exemplo do poema *Comunidade negra*.

Minha comunidade negra
Muitas vezes é desprezada
Pelo nosso tom de pele.

Nós pessoas negras temos
Várias coisas boas
Tipo danças, crenças, artes e no
Futuro eu queria um
Novo olhar para a cultura negra
Que as pessoas
Tivessem um olhar menos
Preconceituoso.

Nesse poema, observa-se um posicionamento crítico diante do racismo estrutural e das violências simbólicas vividas no cotidiano. A identificação explícita da “comunidade negra” como alvo de desprezo social revela consciência sobre desigualdades e tensiona discursos estigmatizantes. Ao mesmo tempo, o texto valoriza elementos culturais positivos, como danças e crenças, reafirmando orgulho identitário e reivindicando reconhecimento. *Comunidade negra* materializa, portanto, um exercício de resistência poética, no qual o participante transforma suas percepções sociais em denúncia e afirmação cultural.

A terceira categoria, resiliência, emergiu especialmente a partir das rodas de conversa, quando os adolescentes reconheceram nas experiências uns dos outros aspectos comuns de sua realidade. Esse movimento fortaleceu laços coletivos e contribuiu para a construção de um sentimento de acolhimento, no qual a poesia se configurou como prática cultural facilitadora da coesão grupal e do fortalecimento da resiliência social e emocional dos participantes. Um

poema que se destaca nesta categoria é *Juventude*.

Eu sou jovem as minhas ações
nunca fizeram sentido pra mim a liberdade
nunca fez sentido pra mim sinceramente não
sei o que significa ser jovem.

A minha história ultrapassa os tempos
me foi privado viver bons momentos.
Sou um jovem combatente.

O poema expressa uma reflexão sobre as dificuldades e contradições da juventude, destacando sentimentos de incerteza, falta de sentido e privações emocionais. Contudo, ao mesmo tempo, o texto convoca a imagem do “jovem combatente”, metáfora que aponta para enfrentamento e perseverança. Esse movimento entre vulnerabilidade e força evidencia o processo de resiliência: reconhecer dores e limites, mas também afirmar capacidade de continuar, resistir e reconstruir-se. Assim, *Juventude* revela como a roda de conversa e a partilha coletiva favoreceram o surgimento de narrativas que acolhem fragilidades e, ao mesmo tempo, reforçam potência e continuidade.

A leitura integrada dessas três dimensões demonstra que a oficina de poesia possibilitou uma articulação entre subjetividade, crítica social e pertencimento comunitário, conforme demonstra o poema *Transformações*.

A adolescência é a fase nublada da vida para muitos,
Ensolarada para outros e tempestuosa para mais gente ainda.
É o momento que faz mudar, que a gente cresce.
Não somos mais crianças e nem adultos. Estamos no meio.

A adolescência é incrível, mas também tenebrosa.
Faz nos conectarmos com as nossas amigas,
Mas também nos afastamos.

Adolescência é fazer justiça, é mudar a vida das pessoas
E fazer as pessoas nos enxergarem e mostrar voz ativa e ter
protagonismo

Na sociedade corrupta que tenta nos calar
E que tenta nos reprimir e humilhar.

Adolescência é criar laços e se transformar.
Sair da nossa forma de criança e virar uma borboleta.
Sair de uma lagarta, ir para o casulo e finalmente virar uma
borboleta.

Esse poema sintetiza simbolicamente os elementos centrais identificados nas três categorias. As metáforas climáticas e a oscilação entre luz e escuridão expressam a instabilidade característica da adolescência, articulando identidade e autopercepção. O trecho sobre justiça, protagonismo e enfrentamento à opressão dialoga diretamente com a dimensão de resistência e crítica social. Por fim, a metamorfose da lagarta em borboleta representa processos de amadurecimento e superação, apontando para resiliência e possibilidade de transformação pessoal. Dessa forma, *Transformações* opera como síntese poética da experiência vivida na oficina, articulando subjetividade, crítica e pertencimento comunitário.

Em linhas gerais, a articulação presente nos poemas escritos pelos participantes reforça o caráter transformador da literatura, que ultrapassa a dimensão estética para afirmar-se como prática educativa voltada ao desenvolvimento humano, ético e social. Nesse sentido, a experiência confirmou que a poesia, quando vivenciada em grupo, não apenas forma leitores sensíveis, mas também sujeitos críticos e resilientes, capazes de intervir simbolicamente na realidade que os cerca.

Considerações finais

Este estudo evidenciou que a oficina de poesia, quando concebida como espaço vivencial, constitui um campo fértil para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e resilientes. A análise de conteúdo (Bardin, 2011) mostrou que as produções dos adolescentes ultrapassaram a dimensão estética e se configuraram como práticas de expressão subjetiva, de resistência social e de fortalecimento comunitário, revelando que a poesia opera como linguagem de elaboração simbólica e de enunciação de experiências muitas vezes silenciadas no contexto escolar.

As atividades da oficina permitiram que os participantes reconhecessem e nomeassem aspectos de suas identidades, construindo narrativas próprias sobre afetos, conflitos, desigualdades e sonhos. Esse movimento demonstrou que a literatura, especialmente na forma poética, é capaz de tensionar discursos hegemônicos e abrir caminhos para a emergência de novas subjetividades. Ao possibilitar que adolescentes de territórios periféricos expressem suas vivências em versos, a oficina atuou como prática de reexistência, valorizando saberes, vozes e percepções frequentemente marginalizadas.

A integração entre leitura, escrita e partilha coletiva mostrou que a poesia se constitui como experiência relacional. Nos encontros, o diálogo entre os poemas e as rodas de conversa criou um ambiente de escuta sensível, fortalecendo vínculos e fomentando um sentimento de pertencimento. Esse contexto favoreceu a identificação de experiências comuns e o reconhecimento mútuo, elementos fundamentais para o desenvolvimento da resiliência social e emocional. Os desenhos que acompanharam muitos dos poemas também evidenciaram que diferentes linguagens, quando articuladas, ampliam as possibilidades de expressão e de construção de sentidos.

Desse modo, a oficina de poesia configurou-se como espaço transformador, em que a palavra poética atuou como instrumento de emancipação simbólica, permitindo que os jovens revissem suas trajetórias, refletissem criticamente sobre seu entorno e elaborassem novas formas de compreender e ocupar o mundo. Além de promover habilidades literárias, a experiência contribuiu para a formação ética, para o fortalecimento da autonomia e para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre desigualdades sociais e culturais que atravessam a vida dos adolescentes.

Por fim, ressalta-se a necessidade de ampliar iniciativas semelhantes em contextos escolares, comunitários e institucionais. Em um cenário marcado por profundas desigualdades e por formas persistentes de silenciamento, a poesia mostra-se ferramenta potente de resistência cultural, de cuidado coletivo e de fortalecimento da cidadania. Incentivar práticas literárias que dialoguem com a realidade dos jovens significa investir na construção de sujeitos capazes de interpretar criticamente o mundo, reinventar suas próprias narrativas e produzir modos mais justos e sensíveis de existir.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Cláudia Braga et al. Adolescência, escola e o tempo na pandemia. *Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, n.30, p.14-31, 2023.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. Remate de Males, Campinas, v.19, n. 2, p.7-14, 1999.
- CRUZ, Jacilene Silva; OLIVEIRA, Elialdo Rodrigues. Do eu para o mundo: a poesia na construção do conhecimento. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, v.26, p.111-123, 2023. Boa Vista: Universidade Estadual de Roraima.
- DARWICH, Rosângela. *Levasse as coisas na flauta*. Belém: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1988.
- DARWICH, Rosângela Araújo et al. Prazer em ler e formação de leitores: uma abordagem analítico-comportamental. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.72, n.2, p.141-154, 2020..
- DARWICH, Rosângela Araújo. Grupos vivenciais: método vivencial em pesquisas mediadas pela internet. In: Leite, A. M. P.; Leal, B. S.; Ghizoni, L. D.; Darwich, R. A. (Orgs.). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2022, p.211-235.
- FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v.11, p.148-165, 2009.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- MATOS, Euzene Mendonça Barbosa; SOUSA, Benedito; ALVES, Francisco Regis Vieira. Analfabetismo funcional: reflexões sobre o desenvolvimento educacional no Brasil. *Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 7, n. 6, p. 575-592, 2021.
- RAMALHO, Christina Bielinski. A poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, n.36, p.330-370, 2014.
- FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.26, n.2, p.227-234, 2010.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2007.

Between verses and lives: a poetry workshop as a space for social and literary construction

ABSTRACT

This study investigated how a poetry workshop can serve as a formative tool and a space for social construction among adolescents in a school context. The research, qualitative in nature and grounded in action research, was carried out with 38 young participants in literary workshops developed in partnership with Lar Fabiano, in Belém, Pará. Data collection involved participant observation, textual production, and group discussions, which were later analyzed using content analysis. The results showed that poetry, when experienced in a dialogical and sensitive manner, fosters subjective expression, enables the symbolic elaboration of lived experiences, and promotes creative autonomy. Three central categories emerged: identity and self-perception, resistance and social critique, and resilience. The poems produced revealed internal conflicts, social questioning, experiences of discrimination, and strategies for overcoming adversity, demonstrating poetry as a language of resistance and community strengthening. The workshop also encouraged the integration of different forms of expression, such as drawing and writing, expanding creative repertoires and reinforcing bonds among participants. The study concludes that the poetry workshop functioned as a transformative space capable of promoting critical formation, aesthetic sensitivity, and emotional strengthening. The findings highlight the importance of expanding literary practices in school and community settings, recognizing poetry as a tool for symbolic emancipation and human development.

KEYWORDS:

Creative workshop
Adolescents
Resilience
Poetry
Experiential groups

SUBMETIDO: 19 de novembro de 2025 | **ACEITO:** 17 de dezembro de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de dezembro de 2025
© fólio – revista de letras 2025. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
